



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Democracia

EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: uma relação fundamental

Adriana Toso Kemp¹

RESUMO

A educação precisa ser pautada pelo entendimento de que a saúde e a qualidade da vida democrática são diretamente proporcionais à capacidade de seus cidadãos construir critérios de validade para o funcionamento dessa forma de sociabilidade. Este trabalho, desenvolvido numa perspectiva crítico-hermenêutica, traz reflexões sobre os aspectos educacionais formativos mais amplos do ser humano para a vida republicana e democrática e o papel das áreas de conhecimento compreendidas como humanidades nesse processo. É imprescindível assegurar lugar de abertura à reflexão e à crítica no processo formativo escolar. Portanto, é fundamental assegurar espaço-tempo para as humanidades no currículo escolar, mas também encarar o desafio de reconsiderar, reexaminar e reformular a relevância e os fundamentos da própria concepção de humanismo capaz de inspirar as áreas do conhecimento a se reconhecerem como produções humanas situadas no tempo e no espaço, passíveis, portanto, de questionamentos, de revisão e de renovação.

Palavras-chave: Sociabilidade democrática, Formação humana, Intersubjetividade.

INTRODUÇÃO

Exercer a docência é assumir o desafiador compromisso de dar suporte ao conhecimento e ser responsável por ampliar sua rede de sustentação simbólica. Nesse sentido, cada área é concebida como integrante de uma totalidade formativa que não pode, portanto, furtar-se à compreensão dos aspectos formativos mais amplos do ser humano para a vida republicana e democrática.

O contexto contemporâneo evidencia uma crise ética, marcada pela propagação de *fake news*; negação da ciência; fetichização das tecnologias de informação, com seu uso muitas vezes

¹ Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFFar – Campus Santo Ângelo, graduada em Letras, mestra e doutora em Educação nas Ciências. E-mail: adriana.kemp@iffarroupilha.edu.br.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



reduzido às redes sociais e aos aplicativos de mensagens, e sacralização da opinião em detrimento de sua fundamentação com base em critérios de civilidade.

Nesse contexto, proliferam-se os ataques aos professores e ao conhecimento, em especial às humanidades e às artes. Evidencia-se seriamente comprometida a capacidade humana de construir critérios de razoabilidade para a convivência republicana e democrática. O estreitamento da noção de formação humana, na medida em que a educação é pautada pela racionalidade técnica com vistas a atender a uma lógica de mercado, aponta para o risco à conservação de um mundo humano comum. Instauram-se, nesse meio, formas de subjetivação e de produção de identidades pautadas muito mais pela individualização, como consumidores, do que pela atuação no coletivo, como sujeitos-cidadãos. São enfraquecidos, assim, o cultivo da virtude, princípio central de uma sociedade republicana democrática, e as próprias condições de possibilidade de humanização das novas gerações.

A função primeira da escola nas sociedades republicanas democráticas é a formação de sujeitos para essa forma de sociabilidade. Por isso, entendo que as perguntas feitas sobre educação não podem se reduzir ao aspecto utilitário, instrumental dessa prática. É imprescindível pensar a educação e sua relação com o futuro da democracia. Este é o foco da investigação teórica que deu origem a esta escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que realizei foi bibliográfica, norteada por uma abordagem crítico-hermenêutica, com vistas a lançar pontes entre as concepções dos diferentes autores estudados, muitos dos quais são herdeiros de diferentes tradições filosóficas. Assumo, desse modo, o risco inerente ao gesto interpretativo que faço dos textos desses autores, num esforço de compreender suas proposições e seus argumentos naquilo que convergem, mas atenta também àquilo em que porventura divergem.

Colhi de cada um dos autores estudados os conceitos que, na minha interpretação, eram mais relevantes para a reflexão acerca do tema da pesquisa. Não tomei *uma teoria* como base, nem acolhi o pensamento de um ou outro autor integralmente, embora isso possa implicar alguns riscos. Minha abordagem constitui uma perspectiva, dentre outras possíveis.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos pressupostos balizadores da educação nas sociedades líquido-modernas, com base em Bauman (2001, 2008, 2010 e 2011), desvela seu distanciamento do ideal clássico de formação (JAEGER, 2013) e sua cooptação pelas demandas de mercado.

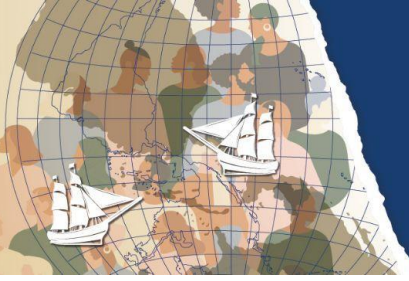
O capitalismo moderno nos ensinou que a dominação era melhor que a compreensão mútua e a reciprocidade, que acumular bens e capital deveria ser o projeto de vida de cada um. E para dar conta de transformar esse projeto em realidade, o sujeito muitas vezes precisa passar por cima de si mesmo, de seus próprios desejos e sonhos. Como, fazendo isso, desenvolver respeito pelas necessidades dos outros e capacidade de cooperação, virtudes essenciais à sociabilidade republicana democrática? Que razoabilidade pode haver nisso?

Ensinamos que a escola é lugar para instrumentalizar-se para o trabalho, numa sistemática marcada pela meritocracia. Valorizamos o acúmulo de bens e capital como razão e finalidade da existência e nos espantamos com o individualismo e o consumismo de nossos jovens!

Entretanto, não encaro esse diagnóstico como um determinismo. A questão que se coloca é, então: como se contrapor a essa tendência? Ou, dito de outro modo: faz sentido propor ou fazer algo que possa ser mais do que uma instrumentalização das novas gerações para as demandas momentâneas?

Masschelein e Simons (2015) oferecem aporte teórico-conceitual para dar sustentação a uma resposta afirmativa a este questionamento, trazendo subsídio para sustentar a noção de escola como tempo livre das pressões produtivas, espaço-tempo formativo de racionalidades alargadas para a convivência republicana e democrática.

As contribuições teóricas de Masschelein e Simons (2015) permitem pensar a escola, sua função nas sociedades republicanas democráticas e os ataques dos quais tem sido alvo desde sua criação, mas principalmente na contemporaneidade. A perspectiva que assumo, com base nas concepções teóricas apresentadas e discutidas, concebe a escola como tempo livre das pressões (re)produtivas. Trata-se de uma defesa da escola republicana cuja responsabilidade pedagógica é dar aos sujeitos base epistemológica, mas que também precisa oportunizar e potencializar a



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



experiência, espaço-tempo para a formação de subjetividades com capacidade crítica, ética e estética (KEMP, 2021).

A partir da compreensão do contexto contemporâneo, marcado pela exacerbação do individualismo e do consumismo, em que a noção de formação humana acaba por ser reduzida à preparação técnico-instrumental para atender às demandas do mercado de consumo e a escola é vista como uma extensão desse mercado, o esforço que considero fundamental consiste em pensar o processo formativo escolar como formação de sujeitos que se dá como experiência fundada na linguagem. Faz-se necessário, portanto, decolonizar o pensamento, isto é, sair do modo repetição acrítica que só faz reforçar a exploração capitalista – não só de nossa força de trabalho, mas também de nossas subjetividades, cooptadas para o modo consumo, meramente. Com base nesse entendimento, destaco o papel da educação – e a contribuição das humanidades – no processo formativo de sujeitos para a manutenção de um mundo humano comum. O processo formativo escolar não pode prescindir das humanidades, uma vez que são áreas potencialmente fazedoras de abertura ao questionamento, à interrogação da realidade. É própria de sua constituição a problematização das questões ético-morais e dos saberes que circulam na sociedade.

A partir do aporte teórico apresentado por Nussbaum (2005 e 2010) e corroborado pelos argumentos de Said (2007), a centralidade dessa discussão incide, portanto, sobre o papel das humanidades na formação de sujeitos com capacidade de pensamento crítico, capacidade ética como cidadãos do mundo e capacidade de empatia.

Na medida em que se reduz o investimento nas disciplinas humanísticas se produz uma grave erosão das qualidades essenciais para a vida mesma da democracia. Se não insistirmos na importância fundamental das humanidades, como adverte Nussbaum (2010), estas desaparecerão, porque não servem para ganhar dinheiro. É imprescindível, portanto, no contexto das sociedades contemporâneas, líquido-modernas, fazer perguntas sobre o rumo da educação e, com ela, da sociedade republicana democrática. Isso porque a saúde e a qualidade da vida democrática são diretamente proporcionais à capacidade de seus cidadãos construírem critérios de validade para o funcionamento dessa forma de organização social.

A escola é o espaço-tempo por excelência destinado à formação das novas gerações. Assumo e defendo a concepção de escola como tempo livre das pressões (re)produtivas, como espaço-



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



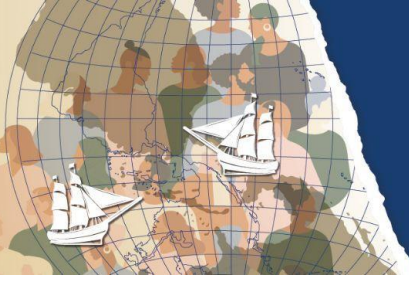
tempo destinado a oportunizar às novas gerações o estabelecimento de uma relação profundamente marcada pelo interesse pelas matérias de estudo, livre da preocupação quanto à utilidade ou aplicação desses conhecimentos. A escola como lugar privilegiado de suspensão, ainda que temporária, da ordem estabelecida; onde todos, em condições de igualdade, possam ter acesso ao legado construído pela tradição, ou melhor, acolhendo o que propõe Said (2007), pelas diferentes tradições, lugar onde todos possam exercitar sua capacidade de pensamento crítico, desenvolver sua imaginação e, pelo exercício da empatia, desenvolver respeito pelas necessidades dos outros e capacidade de cooperação, virtudes essenciais à sociabilidade republicana democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha uma funcionalidade, uma dimensão instrumentalizadora, a escola, na perspectiva defendida, não é funcional a serviço dos interesses do mercado. A funcionalidade da escola, nessa perspectiva, reside justamente em não ser funcional nos termos em que a lógica do mercado tenta lhe impor, mas em ser tempo-livre dessas pressões, onde os sujeitos possam se relacionar profunda e extensamente com as matérias de estudo, condição de possibilidade para que o acontecimento escolar possa se constituir experiência.

As matérias de estudo são, em última instância, o legado das tradições elaboradas pela humanidade, situadas no tempo e no espaço, e que demandam constantes revisões e reelaborações. Por meio desse processo as novas gerações podem conhecer o mundo humano comum e, pela atitude rigorosamente crítica perante essas tradições, podem escolher os melhores caminhos por onde dar continuidade e/ou fazer os enfrentamentos necessários à construção de critérios de razoabilidade mais apropriados à convivência entre humanos, pautados pela responsabilidade quanto aos cuidados necessários para a manutenção dos recursos naturais disponíveis, bem como às decisões quanto ao modo de proceder no que tange à produção científica e tecnológica e, principalmente, à distribuição dos recursos gerados por essa produção.

Nesse sentido, é imprescindível o lugar das humanidades no currículo escolar, bem como uma perspectiva humanista atravessando todo o processo formativo. Isso significa que as



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

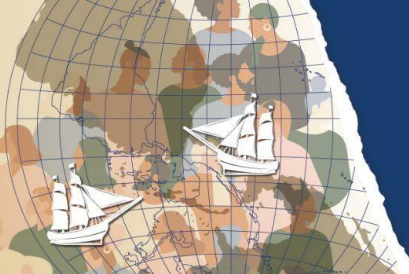
20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



humanidades precisam integrar ativa e criticamente o currículo de formação da educação básica, não só, mas em especial, no nível médio, para além de serem meramente toleradas como uma espécie de adereço na formação. E, para além disso, a defesa de uma perspectiva humanista em todo o processo formativo implica o reconhecimento da necessidade de recuperar o sentido filosófico do universal, compreendido como o comum na essência do espírito, o qual atravessou toda a produção de conhecimentos e compreensão de mundo elaboradas pelos gregos e cujo legado continua importante para nossa civilização contemporaneamente. Trata-se do desafio de recuperar a noção de totalidade orgânica que se tinha na Antiguidade Grega, agora com o devido respeito à individualidade, conquistado na Modernidade.

O ideal civilizatório da Modernidade carrega em si ambivalências que, contemporaneamente, comprometem a própria noção de humanismo, o qual carregou historicamente ideologias eurocêntricas e imperialistas. Evidencia-se, portanto, a necessidade e a importância de questionar esse ideal civilizatório. Entretanto, essa necessidade de questionamento não invalida; ao contrário, reforça a importância das humanidades no processo formativo humano, uma vez que elas são potentes, inclusive, para o tensionamento da própria noção de Civilização. Se conseguimos questionar o ideal civilizatório do Ocidente, o fazemos “por dentro” das humanidades, isto é, tendo as humanidades como aporte teórico-conceitual para fazer esse questionamento.

A perspectiva que defendo constitui uma aposta na não neutralidade da educação, e sim na sua intencionalidade, a qual carrega e assume o compromisso com os princípios da universalidade; da igualdade; da individualidade, da autonomia do sujeito e da laicidade do Estado, conquistados na Modernidade, como os melhores traços norteadores da vida em sociedade que a humanidade conseguiu até então inventar. Mas é importante ressaltar que se trata de assumir esses princípios, numa atitude crítica, numa práxis educativa pautada pelo rigoroso reexame, reformulação, reconsideração desses fundamentos, de modo a reconhecer as áreas do conhecimento como produções humanas situadas no tempo e no espaço, passíveis, portanto, de questionamentos, de revisão e de renovação, e não como verdades absolutas a serem transmitidas e consumidas.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. RJ: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Traduzido por Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

_____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Traduzido por Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011c.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KEMP, Adriana Toso. *Em defesa da democracia: um contraponto à racionalidade técnica na educação*. Curitiba: Appris, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Traduzido por Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NUSSBAUM, Martha C. *El cultivo de la humanidad: una defensa clásica de la reforma en la educación liberal*. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Sin fines de lucro: por qué la democracia necesita de las humanidades*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.